

O futebol como sistema de comunicação: arena de conflito e integração

RONALDO HELAL

Grupos sociais distintos convivem em uma grande metrópole compartilhando espaços e atividades comuns. Esta convivência nem sempre é pacífica. Na verdade, as “nações novas” - como é o caso do Brasil - experimentam, muitas vezes, dificuldades de integração oriundas de conflitos gerados pela diversidade étnica, regional e cultural. A cidade, espaço habitado por seres de diferentes regiões e, muitas vezes, por grupos étnicos vindos de outras nações, é um palco de disputa por poder, prestígio e status.

O antropólogo Clifford Geertz (1973) alertava para a tensão que as “nações novas” experimentam pelo fato de que o “sentido de pertencer” das pessoas que migram para as grandes cidades continuar ligado a aspectos relacionados à consangüinidade, idioma, região e religião - o qual ele chamou de “sentimentos primordiais” - enquanto que a formação de um estado soberano como um instrumento para a realização de objetivos comuns exige um outro “sentido de pertencer”, baseado na noção de nação - o qual denominou de “sentimentos civis”.

Segundo Geertz (1973: 261), em qualquer nação do mundo presenciamos a existência de vários tipos de “lealdades competitivas” baseadas em laços vinculados à classe, partido, negócios ou profissão. Porém, em uma “nação nova” temos além destes tipos de “lealdades competitivas”, aqueles vinculados aos laços dos “sentimentos primordiais”, o que dificultaria a consolidação dos “sentimentos civis”. Porém, Geertz, ao contrário de muitos acadêmicos, não considera os sentimentos primordiais como inexoravelmente retrógrados. Para ele, estes sentimentos são essenciais e devem ser reconhecidos. Ao invés de entendê-los por uma via que os considera um obstáculo à modernização, Geertz acha que estes sentimentos podem ser controlados e contribuir para a formação do estado soberano, já que são fáceis de mobilizar porque são evidentes e poderosos.

O Brasil é um país marcado por uma diversidade cultural e regional muito grande. A cidade do Rio de Janeiro, por exemplo, composta por uma legião de imigrantes vindos de várias partes do país e do mundo, forma um palco privilegiado para a exacerbação destes conflitos e, neste sentido, o futebol tem uma importância crucial para o sentido de coletividade ao estimular as diferenças e rivalidades entre grupos sociais distintos, ao mesmo tempo em que os integra.

A socióloga Janet Lever (1983:27), seguindo o raciocínio de Geertz, realiza um estudo sobre o futebol brasileiro com o intuito de demonstrar que o esporte de massa - no caso, o futebol - pode representar “um mecanismo alternativo para o aproveitamento das identidades primordiais com o objetivo de desenvolver a unidade política e a fidelidade ao moderno estado civil”. Partindo de uma perspectiva genérica, o raciocínio de Lever utiliza-se das representações





sociais dos quatro grandes clubes do Rio de Janeiro, para demonstrar como o universo do futebol potencializa as rivalidades entre grupos distintos ao mesmo tempo em que os integra em uma ordem social comum. Assim, enquanto o Flamengo estaria representando a classe trabalhadora, o Fluminense seria a representação da elite aristocrática, o Botafogo, a burguesia ascendente - ou os “novos ricos” - e o Vasco da Gama, os portugueses. Em que pese o exagero destas generalizações, o passado histórico e os símbolos populares destes clubes nos remetem, de fato, às representações estabelecidas por Lever.

Como o esporte é, em última instância, a “luta pelo amor à luta”, o conflito que regula qualquer competição esportiva possui um caráter singular que simultaneamente demarca e harmoniza as diferenças. No esporte, o conflito é um fim em si mesmo, um objetivo a ser constantemente buscado e preservado. Um oponente só existe em função do outro e quanto maior o embate, maior o conflito e mais empolgante a competição. Assim, os times de futebol existem para serem rivais, cientes de que a rivalização é inerente ao esporte e que, por isso mesmo, eles não devem nunca levá-la às últimas conseqüências, eliminando um oponente, pois isto representaria o fim do drama esportivo.

Seguindo este raciocínio, os grandes clubes de futebol da cidade do Rio de Janeiro potencializariam os sentimentos primordiais - ao exprimirem “os mais profundos sentimentos da sociedade” - e ao mesmo tempo promoveriam a consolidação dos sentimentos civis, já que em um campeonato todos se unem em torno da “comunidade futebolística”. Nesta união estariam integrados e harmonizados os sentimentos primordiais que permeiam a vida social da cidade. E, apesar de muitas vezes a rivalidade entre os clubes da mesma cidade superar a que existe entre alguns estados, em partidas da seleção brasileira todos deixam de lado as rivalidades tradicionais locais para torcer pela representação do país. Não foi à toa que o dramaturgo e escritor Nelson Rodrigues definiu a seleção brasileira como “a pátria de chuteiras”, metáfora

esclarecedora sobre os sentimentos que permeiam a nação em partidas do esporte nacional.

Nas últimas décadas tem sido recorrente o registro, na mídia, de casos de violência nas partidas de futebol, seja nos estádios ou nas adjacências. Frequentemente atribuem-se os conflitos às torcidas organizadas, que começaram a se proliferar a partir da década de 1970. Fenômeno digno de um estudo mais profundo e detalhado, podemos especular aqui que as brigas e os conflitos entre torcidas rivais e, muitas vezes, entre torcidas organizadas do mesmo time, seriam mais reflexos de um aumento dos conflitos e da violência urbana do que um fenômeno típico do universo futebolístico. Por ser muito popular e reunir multidões ao seu redor, o futebol não teria como ficar imune aos problemas existentes na sociedade, de uma forma mais ampla. Colocar o evento futebolístico no banco de réus no julgamento da questão a respeito da violência nas grandes metrópoles é um equívoco. Neste caso ele seria mais uma vítima de um problema muito sério e ainda não resolvido, que aflige a maioria das cidades. O fato, que merece ser destacado, é que por meio do futebol presenciamos, frequentemente, a ocupação festiva e pacífica das ruas em dias de celebrações de grandes conquistas, principalmente em épocas de Copas do Mundo, invertendo, assim, o cotidiano de muito destes locais, vistos no dia-a-dia como lugares em que deveríamos ter cuidado e atenção ao transitar.

RONALDO HELAL Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Estadual do Rio de Janeiro; Pesquisador do CNPq; co-autor de **A Invenção do País do Futebol: mídia, raça e idolatria** e autor de **Passes e Impasses: futebol e cultura de massa no Brasil**.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- AINSA, Fernando. *Identidad cultural de iberoamerica em su narrativa*. Madrid, Gredos, 1986.
 CUNHA, Manuela Carneiro da. *Antropologia do Brasil: mito, história, etnicidade*. São Paulo, Brasiliense:Ed. Universidade de São Paulo, 1986

Originalmente publicado em *Leituras Compartilhadas - Identidade*.